

## **A atividade intelectual nos periódicos literário-humorísticos da cidade do Natal (1889-1930)**

**Maiara Juliana Gonçalves da Silva**

Mestranda do PPGH/UFRN

O período da Primeira República na cidade do Natal constituiu uma época de florescimento das letras conduzida por intelectuais potiguares; um surto de produção cultural como nunca fora visto antes. Tal produção estendeu-se ao aparecimento de pequenos livros e produções na imprensa de modo que a literatura e os periódicos passaram a fazer parte do cotidiano da cidade. No início do século XX, o mercado do livro, na cidade do Natal, não era lucrativo, com livros de baixas tiragens e de difícil publicação. Em contrapartida, as transformações do novo século foram essenciais para o crescimento da Imprensa. Logo, a intelectualidade potiguar, inserindo-se nas atividades jornalísticas da cidade, pôde dispor de um novo meio para difundir sua literatura. Esse trabalho tem como objetivo pôr em discussão a atividade intelectual nos periódicos literário-humorísticos na cidade do Natal, a fim de analisar a atuação deste grupo na pequena imprensa potiguar durante a Primeira República (1889-1930). A atuação desses escritores na imprensa potiguar será identificada nas revistas voltadas para uma produção literária e nos jornais de humor – que também apresentavam um cunho literário.

**Palavras Chaves:** intelectuais, periódicos literário-humorísticos, Primeira República.

Esse texto é fruto de uma pesquisa desenvolvida Programa Pós-Graduação de História, intitulada “Homens de letras na cidade do Natal”. Tem-se por objetivo pôr em discussão a atividade intelectual desenvolvidas nas revistas literárias e nos jornais humorísticos publicados durante a República Velha (1889-1930) na cidade do Natal. O recorte temporal aqui estabelecido limita-se ao período de intensificação de produções culturais realizadas no espaço natalense. A Primeira República constitui a época de florescimento das letras potiguares, uma vez que consideramos o desenvolvimento da Imprensa – da Grande imprensa e da pequena imprensa<sup>1</sup> na cidade – e (baixas) produções de obras de escritores norte rio-grandense<sup>1</sup>. A nossa pesquisa encerra-se durante os anos de 1930, por entendermos que, nessa época, se criou um novo contexto na cidade do Natal, sobretudo devido à queda dos grupos oligárquicos e, conseqüentemente, à configuração de uma nova relação entre os intelectuais e o governo no cenário nacional<sup>II</sup>.

---

<sup>1</sup> Grande imprensa e pequena imprensa trata-se de uma divisão estabelecida por Max Luclerc ao traçar o quadro da imprensa no Brasil no início da República. Enquanto a grande imprensa possuía uma empresa estruturada, maior duração e traduziam-se como porta-vozes de grupos oligárquicos, os jornais das pequenas imprensas eram transitórios e resultado de obra de poucos. Para maiores informações, ver: SODRÉ, NELSON WERNECK. A grande imprensa. In: \_\_\_\_\_. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro (RJ): civilização brasileira S.A, 1966. P. 287-447.

Nesse sentido, a presente pesquisa adotou como corpo documental principal alguns impressos de cunho literário e humorístico-noticioso produzidos entre os anos de 1894 a 1930. Constitui o objeto de estudo, os seguintes periódicos: *Revista do Rio Grande do Norte – Grêmio Polimático*, 1898; *Nossas terras... outras terras* (1926); *Oásis* (1904); *O prego* (1915); *O Olofote* (1918); *Fon-fon* (1920); *O Pharol* (1929); *O Papa-figo* (1922) e *O Laço* (1930). O objeto em estudo reflete a diversidade de periódicos produzidos na cidade do Natal. Tais jornais permitem-nos discutir as colaborações da intelectualidade potiguar na Imprensa natalense, em dois aspectos: as produções literárias e uma produção de conotação mais humorística e mais mundana.

No fim do século XIX, os centros urbanos irradiadores de valores civilizados como Paris e Londres, vivenciaram transformações materiais e culturais estimuladas pela eclosão da Revolução Industrial. As novas técnicas e os novos padrões tecnológicos, que delinearam uma cidade-modelo de civilidade, foram acompanhados por mudanças em termos culturais (valores, ritmo de vida, hábitos, costumes). Iniciou-se então, no Brasil, a *Belle Époque* – período de transformações urbanísticas e culturais importadas do grande centro civilizador: a cidade de Paris<sup>III</sup>.

Nos primeiros anos da República, as mudanças cotidianas na cidade do Natal acompanharam o processo de modernização dos grandes centros promovido pelas elites dirigentes. Visualizada como cidade provinciana, Natal também quis civilizar-se. No entanto, a Cidade do Natal durante o século XX vivenciou uma *Belle Époque* específica<sup>IV</sup>. Não pretendemos comparar a modernidade natalense com o contexto parisiense ou carioca. Todavia, acreditamos que a urbe potiguar não foi alheia à Modernidade, uma vez que de uma maneira a vida provinciana foi afetada pelas transformações culturais e materiais.

O advento do Modernismo também produzia uma nova sociedade. O Modernismo, nessa pesquisa, será considerado como forma de expressão da nova consciência moderna e as transformações sociais e intelectuais que vieram dominar a estética, a mentalidade, as sensibilidades e a visão dos escritores e leitores. “É a literatura da tecnologia. É a arte da modernização”<sup>V</sup>.

Em meio às mudanças físicas e culturais na cidade, situavam-se os homens de letras eram sensíveis às percepções das mudanças promovidas pela *Belle Époque*. O desenvolvimento material atrelava-se ao desenvolvimento cultural promovido pelos homens letrados, entendidos como grupo social de *intelectuais*. Esses homens letrados eram engajados na medida em que reivindicavam a atualização da sociedade brasileira aos padrões europeus<sup>VI</sup>. Esses literatos atuaram na produção intelectual criando,

transmitindo ideias, símbolos, interesses, visões de mundo mediante o uso da palavra na publicação de livros e atuação na imprensa brasileira. Na virada do século XIX para o XX, a capital potiguar vivenciou uma produção cultural como nunca havia sido visto antes. Havia na cidade um ânimo intelectual, nas idas aos cafés e nas conferências literárias organizadas na cidade.

No período da Primeira República, Natal apresentava uma baixa produção no que diz respeito aos livros. Poucos foram os livros publicados por escritores potiguares nesse período<sup>2</sup>. O mercado do livro era de difícil publicação, com baixas tiragens e nada lucrativo. O desenvolvimento da imprensa no Rio Grande do Norte desde 1832<sup>3</sup> proporcionaram uma substituição da baixa produção do livro pelo veículo de periódicos na República da oligarquia natalense. As transformações técnicas durante o século XX no Brasil foram essenciais para o crescimento da imprensa. Cresceram as tiragens, circulações mais rápidas, e categorias de chargistas, trocadores, ilustradores. A escrita diminuiu.

O considerável desenvolvimento da imprensa natalense resultou também em uma mudança na organização de escritores, uma vez que alguns escritores passaram a inserir-se nas atividades jornalísticas. Segundo Arrais, poetas, romancistas e historiadores tinham atuação na imprensa da cidade do Recife<sup>VII</sup>. Os homens de letras buscavam encontrar no jornal a notoriedade e o pouco de dinheiro que os livros não lhe concediam<sup>VIII</sup>. Logo, as mudanças velozes da *Belle Époque* em Natal foram acompanhadas pelo aumento de produções na Imprensa. Os textos veiculados ajustaram-se aos gêneros da crônica e da reportagem – oriundos da França. A Imprensa cobrava a diminuição da escrita<sup>IX</sup>.

Desse modo, é plausível que esse universo literário natalense tenha sido composto por grupos de intelectuais que estavam ligados as atividades de publicações

---

<sup>2</sup> A partir do ano 1898, o grêmio Polymathico – uma das agremiações literárias na cidade do Natal – publicou os livros *Ruínas* (versos) e *Mãe* (poemetos) de Henrique Castriciano durante sua atuação. Anunciou outras publicações futuras, porém o entusiasmo das publicações de livros não passaram de um simples anúncio. Para mais informações sobre livros publicados pelo grupo Polymathico, conferir: MELO, Manoel Rodrigues (org.). *Grupos literários da província. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro: editora Potengi, 1971. Volume LVI – LVII – LVIII. P. 95 a 161.

<sup>3</sup> O Rio Grande do Norte só despertou para a vida na imprensa em 1832, quando fundou o seu primeiro jornal *O Natalense*, devido aos esforços do PE. Francisco de Brito Guerra. No entanto, devido à inexistência de uma tipografia na Província, o jornal foi impresso, sucessivamente, no Maranhão, no Ceará e na Província de Pernambuco. Em 2 de Setembro de 1832, o jornal passou a ser impreso na Tipografia natalense montada na capital. Para mais informações, consultar: FERNANDES, Luiz. *A Imprensa periódica no Rio Grande do Norte* (1832 a 1908). Fundação José Augusto: Sebo Vermelho, 1998.

– ou colaborações – de jornais e revistas em circulação na cidade. No entanto, nossas pesquisas atentaram para uma cisão nesses grupos de intelectuais. Fazendo alguns levantamentos iniciais, podemos identificar que uma boa parte desse grupo mantinham relações com os membros políticos da oligarquia Albuquerque Maranhão<sup>4</sup> – quando não, os próprios políticos atuavam como escritores/jornalistas na República potiguar. Outra parte do grupo de intelectuais encontravam-se a margem dessa relação de poder. Esses intelectuais “ignorados” foram identificados, principalmente, nas comissões de redação e no quadro de colaboradores dos jornais literário-humorísticos, enquanto os intelectuais que mantinha proximidade com o grupo político dominante na cidade, voltavam suas publicações para revistas de cunho exclusivamente literário. Essas diferenças, apontadas inicialmente, estimula-nos a pensar a existência de uma relação de poder entre intelectuais e oligarquia, e, sobretudo, as divergentes formas que esses intelectuais relacionaram-se e atuaram na cidade do Natal.

### **Letras e poder: a relação de intelectuais e a oligarquia Albuquerque Maranhão**

A imprensa encontrava-se bem desenvolvida no século XX apresentando um considerável número de periódicos em circulação, redações e oficinas tipográficas na cidade. O desenvolvimento da imprensa afetou os tipos de produção dos grupos dos intelectuais norte rio-grandenses, uma vez que os homens de letras passaram a recorrer a publicações nos periódicos buscando encontrar no jornal a notoriedade que não lhes eram concedidas.

No entanto, durante a Primeira República, os periódicos natalenses eram alvos de disputa de grupos políticos<sup>X</sup>. Desde o ano de 1832, o jornal em Natal está ligado ao poder e sua configuração, seja ela a grupos políticos dominantes na época do Império, seja relacionado aos grupos oligárquicos, durante o governo republicano. O fato é que na República potiguar, um jornal era

---

<sup>4</sup> A oligarquia dos Albuquerque Maranhão foi consolidada a partir do ano de 1892, quando Pedro Velho foi eleito governador do estado do Rio Grande do Norte. A oligarquia foi constituída por ocupações sucessivas do cargo de governadores por irmãos, genros, amigos do governador do Rio Grande do Norte, sendo ocupada respectivamente por: Ferreira Chaves (1896-1900), Alberto Maranhão (1900-1904), Augusto Tavares de Lyra (1904-1906), Antônio José de Melo e Souza (1907-1908), Alberto Maranhão (1909-1913). Em 1914, Ferreira Chaves assume o cargo de governador do estado e quebra a presença da oligarquia Maranhão no poder. A oligarquia Maranhão também se estendeu a ocupação dos cargos políticos de senadores e deputados. Para maiores informações sobre o grupo oligárquico na República, ver: SOUZA, Itamar de. *A República Velha no Rio Grande do Norte* (1889-1930). Natal/RN: editora da EDUFRN, 2008.

forçosamente o porta-voz de grupos oligárquicos, seja daqueles que estavam no poder, seja dos que estavam momentaneamente excluídos dele. Esse trabalho de celebração das oligarquias materializava-se em toda uma série de rubricas, comentários políticos, notas apologéticas e biográficas acerca das grandes figuras da oligarquia, artigo de fundo, e, sobretudo, os editoriais<sup>XI</sup>.

Os jornais *A República* (1889) e o jornal *Diário do Natal* (1895) correspondiam, respectivamente, ao periódico da oligarquia Albuquerque Maranhão e ao grupo de oposição encabeçado pelo professor Elias Souto, e atuaram no governo republicano como difusores das visões de mundo e interesses de grupos políticos. Assuntos políticos eram a tônica das matérias na imprensa da cidade do Natal. Identificamos o jornal *A República* e *Diário do Natal* como periódicos que compunham a “Grande Imprensa” de Natal, ou seja, de jornais de temas políticos ligados a uma empresa estruturada, com uma maior duração e que se traduzem como porta-vozes de grupos dominantes.

Podemos afirmar que o florescimento das letras potiguares foi proporcionado pelas colaborações de escritos nos periódicos que circulavam na cidade do Natal. Mesmo que os periódicos na cidade do Natal fossem voltados para cunho político, o jornal *A República*, por exemplo, veiculou, em suas páginas amareladas, crônicas, poesia e outros gêneros literários produzidos pelos escritores potiguares que compunham os quadros da redação ou que atuavam como colaboradores do órgão político pedrovelhista. Entretanto, nossa pesquisa interessa-se por apontar não as contribuições de intelectuais nos jornais porta-vozes do grupo oligárquico dominante da cidade do Natal, mas sim como esses grupos direcionaram-se para produções próprias, isto é, revistas ou jornais pertencentes à pequena imprensa que se encontravam relacionados ou não com o grupo político Albuquerque Maranhão.

Dentre o objeto documental dessa pesquisa, encontra-se a *Revista do Rio Grande do Norte*. A revista literária produzida pelo Grêmio *Polymathico* consistia nas produções pelos grupos sociais de letrados articulados com a elite oligárquica norte-riograndense, como nos faz perceber o seu corpo de redação:

Diretor – Antônio de Souza. Secretário: Pedro Soares de Araújo. Colaboração efetiva dos primoros poetas: Auta de Souza e Henrique Castriciano; e do Dr. Alberto Maranhão, procurador geral do Estado e governador eleito; Dr. F. de S. Meira e Sá, presidente do Superior Tribunal de Justiça; do Dr. Augusto T. de Lyra, deputado Federal; Drs. Luiz Fernandes, Homem de Siqueira, Juvenal Lamartine e Pinto Abreu, juízes de direito efetivo; Dr.

Manoel Dantas, diretor geral de instrução pública; Pedro Avelino, jornalista; Dr. Alfredo de Carvalho, Instituto Arqueológico de Pernambuco; Dr. Horácio Barrete, juiz substituto seccional; Dr. José de Berredo, Alferes José da Penha e outros<sup>XII</sup>.

O grêmio *Polymathico* publicou em Fevereiro de 1898, a *Revista do Rio Grande do Norte* sob a presidência de Antônio José de Melo e Souza. A revista era redigida pelo fundador Antônio de Souza, e ainda por Manoel Dantas, Alberto Maranhão, Auta de Souza, Henrique Castriciano, Meira e Sá, entre outras personalidades que mantinham laços de parentescos e amizade com o grupo político pedrovelhista, quando não faziam parte desse mesmo grupo ocupando posições de governadores e vice-governador – como, por exemplo, no caso dos governadores Antônio José de Melo e Souza e Alberto Maranhão e do vice-governador Henrique Castriciano. O grêmio *Polymathico* “era constituído pelos maiores da terra, de superioridade em posição social, facilidades materiais, enfim, tudo o quanto é necessário para subir na vida”<sup>XIII</sup>. Destaquemos cinco nomes entre os redatores/colaboradores do grêmio: Antônio de Souza, Alberto Maranhão, Meira e Sá<sup>5</sup>, Henrique Castriciano e Manoel Dantas<sup>6</sup>. Podemos afirmar que os participantes da elite dirigente norte rio-grandense atuaram na produção literária veiculada na *Revista do Rio Grande do Norte*, no qual os produtores culturais encontravam-se ligados, profissionalmente ou ideologicamente, ao projeto republicano da oligarquia Albuquerque Maranhão. Mesmo que a *Revista do Rio Grande do Norte* apresentasse-se como periódico com objetivos literários, é considerável que as próprias publicações na revista literária refletissem interesses de um determinado projeto político. Na publicação da *Revista do Rio Grande do Norte* estavam

sem dúvida os nomes mais representativos da cultura provinciana. Estão governadores, deputados federais e senadores. Estão juristas, educadores, concorrendo como poetas,

<sup>5</sup> Antônio José de Melo e Souza, atuou como senador (1908-1920), governador de 1907 a 1908), deputado estadual (1892), procurador da República (1895 a 1899), redator d’ A República (de 1899 a 1907). Alberto Maranhão, irmão de Pedro Velho, atuou como governador (1900-1904), deputado federal (1904-1908), deputado federal (1915-1929). E Meira e Sá, magistrado que atuou no cargo de desembargador (e presidente) do Superior Tribunal de Justiça e senador (1907-1910) pelo Rio Grande do Norte. Para maiores informações, sobre as três personalidades mencionadas, consultar: PEIXOTO, Renato Amado. Verbete ‘...’.IN: Abreu, Alzira de.(org.) *Dicionário Histórico-Biográfico brasileiro da Primeira República*. Rio de Janeiro/RJ: editora da Fundação Getúlio Vargas, 2012. (No prelo)

<sup>6</sup> Henrique Castriciano atuou como secretário do governo de Alberto Maranhão (1900), foi vice-governador de Ferreira Chaves (1913), e, ainda, presidente do Congresso Legislativo. Seu irmão Eloy de Souza chegou a ocupar cargos políticos – de deputado estadual (1895 a 1897), deputado federal (1897 a 1889, 1900 a 1911, e 1912 a 1914) e senador (1914 a 1921) – durante o governo pedrovelhista. Já Manoel Dantas era bacharel em direito, juiz, jornalista, presidente da intendência em Natal (1923). Para mais esclarecimentos, ver: GURGEL, Tarcísio. *Belle Époque na esquina: o que se passou na República das letras potiguar*. Natal/RN: editora do autor, 2008.

literatos, jornalista. São os donos da política, do destino do Estado, quando não havia ainda luta de classe. É o grupo dos poderosos do dia, bem distantes, bem separados dos demais grupos que fervilhavam nas rodas literárias de então (...) <sup>XIV</sup>

A *Revista do Rio Grande do Norte* circulava mensalmente e era vendida no valor de 8 mil conto de réis, a assinatura por semestre, e de 15 mil conto de réis, por ano. Mesmo com a existência de mais três agremiações literárias e de seus respectivos periódicos em circulação pela cidade, a *Revista do Rio Grande do Norte* “veio ocupar o lugar de honra nas letras potiguares” <sup>XV</sup>. No número publicado em 17 de Fevereiro de 1898, *A República* anunciava entusiasmadamente a circulação da *Revista do Rio Grande do Norte*:

Somos de algum modo suspeitos para dar nosso juízo sobre a *Revista do Rio Grande do Norte*, porque ela é filha d’A República. São os mesmo redatores das duas publicações. A *Revista do Rio Grande do Norte* não desonra o Estado a que se consagrou, estamos certos <sup>XVI</sup>.

Com a redação localizada na rua Dr. Barata, número 5, e impressa na mesma tipografia d’A República, a *Revista do Rio Grande do Norte* era “filha” do jornal portavoz do grupo oligárquico de Pedro Velho. Como podemos identificar os redatores do periódico *A República* (Manoel Dantas, Henrique Castriciano e Antônio de Souza) encontrava-se a frente da agremiação *Polymathico* e da revista literária. Podemos, portanto, afirmar que os participantes da elite dirigente norte rio-grandense atuavam na Imprensa durante a Primeira República. Além da própria atuação desse grupo de elite na Imprensa, pensamos que a relação entre intelectuais e governantes também se davam por meio da proteção à atividade intelectual, onde ambos se misturavam e se confundiam <sup>XVII</sup>.

Pensamos aqui no intelectual da República Velha de Sérgio Miceli, como aquele homem de letras que mantinham dependência com o poder político, de modo que, as trajetórias de vidas em meio ao universo das elites dirigentes, as consagrações simbólicas – isto é, o reconhecimento pelas suas produções – e os apadrinhamentos eram condições necessárias à produção intelectual entre 1889 a 1930 <sup>XVIII</sup>. No caso do universo literário norte-rio-grandense temos uma acentuação, uma vez que, os membros políticos pedrovelhistas atuavam como homens de letras também. No entanto, mesmo quando não atuavam no espaço literário, os membros do grupo dominante política apoiavam os homens letrados, proporcionando a estes uma

consagração nas suas publicações na república das letras potiguares. Em troca, a elite legitimava-se. A dominação dos homens letrados pela elite era necessária para obtenção da consagração, dos meios materiais e institucionais, que, dificilmente, seriam alcançados ou oferecidos pelo mercado de trabalho<sup>XIX</sup>.

Além de participar da produção cultural natalense em publicações de periódicos de cunho literário, o grupo político dominante do Estado também determinou as regras para as publicações no espaço social das produções culturais na capital republicana potiguar. A atuação do Estado regula o funcionamento dos demais campos, entre eles, o campo cultural, por meio de apoio e financiamento<sup>XX</sup>.

Temos a exemplo disso, a Lei n. 145, decretada pelo governador Alberto Maranhão e seu secretário Henrique Castriciano no ano de 1900, estabeleceu que competia como atividade do governo a premiar livros de literatura e ciência publicados pelos escritores “filhos da terra”, ou que mantinha moradia no estado. O prêmio consistia na publicação desses livros financiada pelo próprio Estado<sup>XXI</sup>. Destarte percebemos que Estado além de incentivador da produção cultural no Rio Grande do Norte, atuou como determinante para as condições dos escritores no universo literário potiguar.

### **Letras e o riso: os ‘marginalizados’ do universo literário natalense**

Com a expansão da produção cultural na cidade do Natal, ao lado dos periódicos ligados aos grupos oligárquicos, identificamos outros periódicos sustentados por uma parcela de homens de letras que se encontravam à margem das relações políticas da capital<sup>7</sup>. Nas páginas amareladas dos jornais que se autointitulavam humorísticos, figuram nomes desconhecidos do universo das letras potiguares e inúmeros pseudônimos. Mas o que eram esses jornais humorísticos? Consistiram em periódicos que veicularam gêneros literários (prosa, poesia, crônicas, contos, fait divers) em forma de chacota, humor, ridicularização. Falaram sobre o espetáculo da vida em uma cidade que desejava ser moderna e dos atores inseridos nela. A proposta de produzir o humor, o cômico, a paródia, certamente diferenciava-se dos escritos

---

<sup>7</sup> Marginalizados, excluídos, ou outsiders são conceitos dos autores, em sequência, Sérgio Miceli, Pierre Bourdieu e Norbert Elias utilizadas para identificar grupos que se encontravam nas periferias das relações de poder.



publicados e veiculados nos demais jornais da cidade natalense – entre eles, a já mencionada *Revista do Rio Grande do Norte*.

Podemos relacionar essas publicações cômicas à produção de uma consciência crítica por parte desses jornais que se diziam humorísticos. Nesse sentido, leva-nos a questionarmos se o caso do jornalismo literário-humorístico explorados nessa pesquisa era mesmo um exemplo de um grupo, marginalizado, atuando na imprensa natalense. O que podemos afirmar, por enquanto, é que a proposta de jornais *O prego*, *O Olofote*, *O Fon-fon*, *O Papa-figo*, *O Pharol* e *O Laço* é promover uma literatura de humor, produzida por personagens desconhecidos no universo literário natalense. Os subtítulos desses periódicos sempre eram apresentados como “*órgão meio sério e meio risão*”<sup>8</sup> e “*humorístico, crítico e noticioso*”<sup>9</sup>. Os jornais do século XX já não eram apenas políticos<sup>XXII</sup>. Observemos um exemplo desse tom humorístico:

Pelo Olofote eu vi...  
Foi visto o cabriolé,  
quinta-feira na retreta,  
correndo em volta da praça  
e fazendo pirueta.  
Segundo tivemos informação, o nosso diretor, vai mandar comprar para cada um dos redatores, um carrinho da qualidade daquele que deu passeio de meia hora na ‘Praça 7’<sup>XXIII</sup>.

No fragmento acima, o passeio do cabriolé na praça aparece na primeira página do 5º número do jornal, anunciando a novidade em tom de humor, para os leitores potiguares, a novidade do automóvel em uma cidade, que no ano de 1919, apresentava um caráter provinciano. Assim como a *Revista do Rio Grande do Norte*, “O Olofote” faz parte do objeto de estudo de nossa pesquisa. Autointitulado de “jornal meio sério, meio risão”, “O Olofote” circulou semanalmente na cidade do Natal no ano de 1919 sob a direção de João Leite Cordeiro. Sua publicação contava com um grupo de redatores denominados o “grupo do meio cento”.

Todo conteúdo publicado encontra-se assinado por pseudônimos, o que dificulta o reconhecimento da identidade dos escritores potiguares que colaboravam com o jornal. Pensamos que o uso de pseudônimos justificava a necessidade de estabelecer a dimensão do anonimato. O jornal era vendido ao custo de 200 réis. Quanto à sua impressão, sabe-se que o diretor João Leite Cordeiro era tipógrafo. Portanto, é

<sup>8</sup> Os jornais que apresentam o subtítulo de “órgão meio sério e meio risão” são: O Olofote (1918) e O Papa-Figo(1922).

<sup>9</sup> Os jornais que se autointitulavam humorísticos, literários e noticiosos eram: O prego (1915), O Fon-fon (1920), O Pharol (1929) e O Laço (1930).

plausível que o jornalzinho era confeccionado por uma pequena tipografia aos cuidados do diretor.

Embora identifiquemos um conjunto de crônicas – e contos – nas páginas amareladas de “O Olofote”, acreditamos que a sua especialização era os “fait divers”, ou seja, notícias de efeito, ora revelando detalhes escandalosos e inusitados, ora figurando imagens desconhecidas<sup>xxiv</sup>; e, na maioria das vezes capturando detalhes da cotidianidade da capital potiguar. “O Olofote” fazia parte de um conjunto de outros doze jornais que circulavam na capital potiguar, apresentando como finalidade promover o humor<sup>10</sup>. As cenas da vida urbana natalense eram anunciadas, em sua grande maioria, utilizando-se como recurso linguístico o humor.

A sátira não são minorias dentro dos jornais que se propunha a fazer humor. A opção dos redatores de jornais como “O Olofote” em produzir uma imagem que satirize as práticas da vida na cidade moderna é compreendida, evidentemente, pelo objetivo de alegrar o seu leitor. Não obstante, devemos considerar também a existência de uma consciência crítica dentro da produção de imagens utilizando o artifício linguístico do humor. Pensar o cômico e a paródia, dotada de um profundo sentido filosófico, remetem-nos à análise do ensaísta russo Mikhail Bakhtin acerca das obras produzidas pelo escritor renascentista François Rabelais. De acordo com Bakhtin, a recorrência ao riso trata-se de uma finalidade ambivalente, ou seja, um riso alegre destinado a divertir, ligeiro, e, o mesmo riso, com profundo valor de concepção de mundo<sup>xxv</sup>. Sendo assim, percebemos que a literatura de humor também cumpre o papel de diferenciar-se no âmbito de produção cultural em Natal.

## Considerações Finais

É necessário enfatizar que, esses intelectuais estavam distante dos periódicos controlados pela elite oligárquica, os intelectuais marginalizados possivelmente buscavam-se consagrar por meio da publicação de seus escritos em periódicos, no campo das letras potiguares. Percebemos que a ideia de consagração

---

<sup>10</sup> Até a década de 1920, tem-se informação sobre a circulação dos seguintes periódicos destinados à promoção do humor: o *Aeroplano* (1915); o *Alfinete* (1915); o *Automóvel* (1915); a *Avenida* (1914); o *Binóculo* (1911); o *Chiste* (1912); a *Encrenca* (1913); a *Hora* (1915); o *Olho* (1915); o *Pagode* (1909); o *Pangaio* (1917) e o *Parafuso* (1915). As informações sobre o jornal *O Olofote*, e demais periódicos que circulavam na cidade do Natal, foram retiradas de MELO, Manoel Rodrigues. *Dicionário da Imprensa do Rio Grande do Norte (1909-1987)*. Documentos Potiguares (3). Natal: Fundação José Augusto, 1987.

apresenta-se aqui com relação às articulações com o poder, e não pela quantidade de tempo existente. A notoriedade na República das letras potiguares pertencia àqueles que estavam sob a tutela do Estado – apadrinhados ou participando ativamente dos cargos políticos do governo pedrovelhista. A consagração dependia “do valor pessoal de cada um de seus membros”<sup>XXVI</sup>.

As articulações com o Estado eram fundamentais para fazer-se reconhecer como escritor. Não é a toa que na Lei n. 145, a premiação das obras literárias para publicação era decidida por uma comissão avaliadora composta por um membro da instrução pública e dois letrados designados pelo governador<sup>XXVII</sup>. O que indica que a faculdade de dizer “quem era escritor” dependia dos membros do grupo *Polymathico* (redatores da *Revista do Rio Grande do Norte*), e, por excelência, por indivíduos que ocupavam cargos políticos.

A outra parcela de homens letrados, figurando entre eles Fábio Zambrotini, Izac Seabra, João Leite Cordeiro e José Cabral de Macêdo<sup>11</sup>, não possuíam trajetória social ligada a ocupação ou de relação com cargos políticos. No entanto, suas publicações literário-humorísticas como um meio alternativo de participar da produção cultural na cidade do natal, e, sobretudo, uma forma de diferenciar-se também.

Questões como essa nos estimularam a pensar em uma espécie de *establishment* literário, isto existência de grupos que ocupavam posições de prestígio e poder e construíam sua identificação como grupo fechado fundado na combinação de tradição (nesse caso, política oligárquica), autoridade e influência. O grupo pertencente ao *establishment* conseqüentemente desenvolveram uma exclusão dos *outsiders*, ou seja, de grupos que estão fora, que são marginalizados das posições de poder e notoriedade. A nossa pesquisa também direciona-se para os *outsiders*: os outros homens de letras que participavam da pequena imprensa à margem das relações de apoio dos grupos oligárquicos e que aspiravam ao reconhecimento na vida literária natalense.

Um segundo ponto a ser levado em consideração diz respeito a existência da letras como uma segunda atividade desempenhada pelos homens letrados. Durante as pesquisas iniciais, identificamos que os grupos de editores e colaboradores dos jornais literário-humorísticos ocupavam profissões como bacharéis – formados nos cursos superiores de Recife, Bahia e Rio de Janeiro, professores, médicos, pequenos cargos

---

<sup>11</sup> Fábio Zambrotini, Izac Seabra, João Leite Cordeiro e José Cabral de Macêdo são os redatores-chefes dos jornais, respectivamente, o Fon-fon (1920), o Papa-figo(1922), o Olofote (1919), e o Prego(1915).

no governo (na Mesa de Renda, escriturário, entre outros). Percebiam que, no caso da cidade do Natal durante a Primeira República, tanto para os intelectuais que mantinham relações próximas com o grupo oligárquico, como esses intelectuais que se encontravam distantes dos cargos políticos no Estado, as letras sempre compõe uma atividade secundária. Inexistia, em Natal, profissionalização da atividade intelectual.

A atividade de escritor estava distante da relação de *mercado de bens simbólicos* produzida por Pierre Bourdieu. Os homens de letras em Natal encaravam a produção cultural como “apenas intervalos agradáveis na ascensão para carreiras respeitáveis”<sup>XXVIII</sup>. Sendo assim, os produtores culturais natalenses desempenhavam ocupações paralelas, já que a atividade de escritor era “incapaz de definir e alimentar aqueles que se valem dela”<sup>XXIX</sup>. Não havia, portanto, o interesse econômico já que a atividade de escritor não fornecia nenhum tipo de lucro. Aos intelectuais, restava um interesse simbólico, ou seja, um interesse em alcançar uma notoriedade, um reconhecimento, uma consagração interna.

Sendo assim, a nossa pesquisa está sendo norteadada por questões como: quem eram esses grupos sociais denominados intelectuais; as relações e articulações entre campo intelectual e campo político, e, concomitantemente, os casos de marginalização e exclusão nas letras potiguares; as atuações desse grupo na imprensa natalense durante o período proposto pela pesquisa; a diferenciação da circulação e conteúdo entre a grande e a pequena imprensa; quais as ideias e interesses por trás das produções na imprensa; o papel desempenhado por esses intelectuais na cidade do Natal, e os espaços frequentados e dotados de importância para o desenvolvimento dessa atividade intelectual durante os anos de 1889 a 1930.

## Notas

<sup>I</sup> GURGEL, Tarcísio. Belle Époque na esquina: o que se passou na República das Letras potiguares. Natal/RN: editora do autor, 2009. P. 17

<sup>II</sup> CÂNDIDO, Antônio. A educação pela noite e outros ensaios. In: \_\_\_\_\_. *A Revolução de 30 e a cultura*. São Paulo: editora ática, 1989. 2ª Ed. p. 181-198. P. 185

<sup>III</sup> NEEDELL, Jeffrey D. A belle époque literária no Rio: o fim do século XIX brasileiro. In: \_\_\_\_\_. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das letras, 1993. P. 209

<sup>IV</sup> ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. *O corpo e a alma da cidade: Natal entre 1900 e 1930*. Natal/RN: EDUFN, 2008. P. 13

<sup>V</sup> BRADBURY, Malcolm. McFARLANE, James. *Modernismo: guia geral (1890-1930)*. São Paulo: Companhia das letras, 1989. P. 15

<sup>VI</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República*. São Paulo: editora brasiliense S.A., 1985. P. 27

- <sup>VII</sup> ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. *O corpo e a alma da cidade: Natal entre 1900 e 1930*. Natal/RN: EDUFRN, 2008. P. 26
- <sup>VIII</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. A grande imprensa. In: \_\_\_\_\_. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro/RJ: civilização brasileira S.A, 1966. P. 290.
- <sup>IX</sup> Ibid. P. 371
- <sup>X</sup> MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das letras, 2001. P. 53
- <sup>XI</sup> Ibid. P. 57
- <sup>XII</sup> Informação extraída da REVISTA DO RIO GRANDE DO NORTE. Novembro, n. 8. 1898. Ano 2.
- <sup>XIII</sup> MELO, Pedro de Alcântara Pessoa de. *Natal de Ontem – figuras e fatos da minha geração*. Natal/RN: Sebo Vermelho, 2008. P. 12
- <sup>XIV</sup> MELO, Manoel Rodrigues. Grupos literários na Província. *Revista do Instituto História e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal/RN, 1971, volume LVI – LVII – LVIII. P. 52
- <sup>XV</sup> Ibid. p.51
- <sup>XVI</sup> **REVISTA DO RIO GRANDE DO NORTE. A REPÚBLICA**. 11 DE JANEIRO DE 1898. P. 2
- <sup>XVII</sup> ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. *Do alto da torre da matriz, acompanhando a procissão dos mortos: Luís da Câmara Cascudo, o historiador da cidade do Natal*. Revista Espacialidades [online]. 2011, v. 4, n. 3. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/espacialidades/>. Consultado em: 25 de Novembro de 2011.p. 8
- <sup>XVIII</sup> MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das letras, 2001. P. 17
- <sup>XIX</sup> BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das letras, 1996. P. 76
- <sup>XX</sup> \_\_\_\_\_. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas/SP: editora papyrus, 2011. P. 15
- <sup>XXI</sup> **ACTOS LEGISLATIVO. A REPÚBLICA**. 22 de Agosto de 1900. P. 1. A Lei n. 145 foi decretada no dia 6 de Agosto de 1900, pelo governador Alberto Maranhão e o secretário Henrique Castriciano.
- <sup>XXII</sup> BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, academia brasileira de letras, 2005. P. 137
- <sup>XXIII</sup> **PELO OLOFOTE EU VI... O OLOFOTE**. 11 DE JANEIRO DE 1919. Número 2. P.3.
- <sup>XXIV</sup> BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Difel, 2003. P.16
- <sup>XXV</sup> BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993. P. 23
- <sup>XXVI</sup> MELO, Manoel Rodrigues. Grupos literários na Província. *Revista do Instituto História e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal/RN, 1971, volume LVI – LVII – LVIII. P. 145.
- <sup>XXVII</sup> SOUZA, Itamar de. *A República Velha no Rio Grande do Norte*. Natal/RN: EDUFRN, 2008. (Coleção História Potiguar). P. 160
- <sup>XXVIII</sup> NEEDLE, Jeffrey D. A belle époque literária no Rio: o fim do século XIX brasileiro. In: \_\_\_\_\_. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das letras, 1993. P. 21
- <sup>XXIX</sup> BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das letras, 1996. P. 270